

*Bianca Martins  
da Costa Quintas,  
Letícia Eloi Meira  
Fona e Leonardo  
Rodrigues de  
Lima*

Mestrandos em Econo-  
mia Política Internacional  
pela Universidade Federal  
do Rio de Janeiro

Recebido em: 13/06/2020  
Aprovado em: 13/05/2021

# O ACIRRAMENTO DA GUERRA DE PREÇOS DO PETRÓLEO ENTRE A RÚSSIA E A OPEP EM 2020 E SEUS EFEITOS NA GEOPOLÍTICA E ECONOMIA RUSSA

THE ESCALATION OF THE OIL PRICE WAR  
BETWEEN RUSSIA AND OPEC AND ITS EFFECTS ON  
RUSSIAN GEOPOLITICS AND ECONOMY

**Resumo:** O presente artigo tem como objetivo analisar a guerra de preços ocorrida em 2020 entre a Federação Russa e a Organização dos Países Produtores de Petróleo (OPEP) através de um estudo sobre o histórico da indústria de petróleo russo, a criação da OPEP em 1960 e a trajetória da dinâmica do relacionamento entre as duas partes desde então. A Rússia é uma das maiores e mais importantes exportadoras de petróleo do mundo, sendo a renda por ela obtida no setor uma determinante fonte de divisas e de arrecadação fiscal, que são utilizadas para o desenvolvimento nacional e a sustentação do projeto político do país. A OPEP, por sua vez, é uma organização intergovernamental que coordena os preços mundiais de petróleo por meio do ajuste do volume de produção do combustível, tendo em vista que os seus países membros possuem as maiores reservas e capacidades de produção de petróleo do mundo. Argumenta-se que o impasse vivenciado em 2020 não é um episódio isolado em uma relação que varia entre momentos de maior e menor coordenação. Os impactos provocados pela pandemia de COVID-19 na demanda mundial por petróleo são uma nova fonte de desacordos, por conta da opção pela resposta à crise através da queda da produção, fato que desagrade a Rússia, afetando sua economia e o seu projeto geopolítico, levando ao conflito presenciado desde o início de 2020.

**Palavras-chave:** Petróleo. Rússia. OPEP. COVID-19.

**Abstract:** This article aims to analyze the current price war between the Russian Federation and the Organization of the Petroleum Exporting Countries (OPEC) through a study of the history of the Russian oil industry, the creation of OPEC in 1960 and the trajectory of the dynamic relationship between the two parties since then. Russia is one of the largest and most important oil exporters in the world, and the income obtained by it is a determining source of foreign exchange and tax revenue, which are used for its national development and



to support the country's political project. OPEC, in turn, is an intergovernmental organization that coordinates world's oil prices by adjusting the volume of oil production, given that its member countries have the largest oil reserves and production capacities in the world. It is argued that the current impasse is not an isolated episode in a relationship that varies between moments of greater and lesser coordination. The impacts caused by the COVID-19 pandemic on world demand for oil are a new source of disagreements, due to the option to respond to the crisis through the fall in production, a fact that displeases Russia and affects its economy and geopolitical project, leading to the conflict witnessed since the beginning of 2020.

**Keywords:** Oil. Russia. OPEC. COVID-19.

## 1 INTRODUÇÃO

Eclodiu, nos primeiros meses de 2020, uma disputa de preços de petróleo entre a Rússia e a Arábia Saudita, líder da Organização dos Países Exportadores de Petróleo (OPEP). O impasse a respeito da decisão pela queda da produção, motivada pela queda na demanda mundial por petróleo por conta da pandemia de COVID-19, coloca em questão a relação conflituosa entre as duas potências petrolíferas. Ambas disputam o papel central no mercado global de petróleo, que tem se tornado mais acirrado com o surgimento dos exportadores de petróleo de xisto americanos e o fortalecimento da indústria de petróleo da própria Federação Russa, após a reorganização de caráter centralizador da mesma com a entrada de Vladimir Putin na presidência do país em 2000.

A Federação Russa é uma das maiores e mais importantes exportadoras mundiais de petróleo, ocupando em 2019 o terceiro lugar entre os maiores produtores da commodity, atrás somente dos Estados Unidos e da Arábia Saudita<sup>1</sup>. A atividade de exploração e exportação de petróleo desempenha um papel significativo na economia russa, assim como a de gás natural, gerando receita através de exportações e coleta de impostos. O foco deste estudo será a indústria de petróleo russa, bem como a relação entre o país e a OPEP, desde a fundação da última em 1960, e como as condições pelas quais a mesma se desenvolveu e culminou na guerra de preços observada em 2020. Dessa forma, o estudo do histórico das condições financeiras e econômicas da indústria do petróleo na Rússia e a exposição dos dados referentes aos impactos econômicos do conflito, serão destacados neste artigo, além das motivações por trás dos posicionamentos das duas partes.

Os recentes desdobramentos do conflito entre a OPEP e a Rússia pedem

<sup>1</sup> Investopedia. Disponível em: <https://www.investopedia.com/investing/worlds-top-oil-producers/>. Acesso em: 10 de junho de 2020

uma análise mais detalhada da centralidade da exportação de energia para o dinamismo da economia e da política russa, tanto no ambiente doméstico quanto no internacional, além do estudo do desenvolvimento das relações entre a Organização e o país russo. As discussões sobre as interações entre a Rússia e a OPEP são permeadas por questões políticas acerca do controle do preço do barril e da oferta mundial de petróleo, dado o dinamismo irregular entre as duas, com períodos de maior ou menor cooperação. Agravada pela queda dos preços do petróleo no mercado mundial, a pandemia também coloca em risco o projeto geopolítico assertivo do presidente russo Vladimir Putin.

Segundo Balzer (2006), a política energética russa é baseada na supremacia do Estado sobre os recursos naturais e nas decisões a eles relacionadas em direção de uma nacionalização das empresas de energia. Há, no entanto, alguma forma de parceira com empresas, principalmente no que se refere a contribuições na área tecnológica. Os conflitos que envolvem a área energética são um reflexo da evolução das inovações tecnológicas e dos acontecimentos políticos e econômicos no sistema interestatal. Eles podem variar desde a qualidade de equipamentos e serviços, cálculo de custo-benefício da produção compartilhada, expropriação de investimentos até disputas territoriais causadas por acesso a reservas de recursos naturais, especialmente petróleo e gás natural (HOBÉR, 2014). Por isso, será fundamental situar a Rússia e a OPEP como uns dos principais atores no mercado mundial de petróleo para a compreensão de como a detenção de reservas e a conquista de mercados representa a possibilidade de ganhos econômicos e, mais importantemente, torna-se uma expressão de poder motivadora de conflitos internacionais, que se dão desde o âmbito diplomático até guerras.

O presente artigo adotará como metodologia sobretudo a revisão da literatura, contemplando a exposição de artigos e demais publicações científicas que abordem temas como o desenvolvimento da indústria de petróleo e sua relevância estratégica na Rússia, a criação e evolução da OPEP e a evolução das relações entre a organização e Rússia. Além disso, serão apresentadas notícias que descrevam o desenrolar da guerra de preços do petróleo em 2020, e, também, a análise quantitativa de indicadores econômicos e a análise qualitativa de conceitos relevantes ao tema. O artigo será dividido em cinco seções. Primeiramente, será feito um levantamento do desenvolvimento da indústria de petróleo na Rússia em paralelo com a criação da OPEP em 1960. A seção seguinte

mapeará os principais atores no mercado mundial de petróleo, com destaque à presença da OPEP, bem como contará com uma revisão das relações entre a Rússia e a Organização, pontuando os principais momentos de conflito entre ambas. A quarta e quinta seções, por sua vez, focarão na resposta russa às iniciativas da OPEP, assim como evidenciarão em detalhes as consequências econômicas e geopolíticas da queda dos preços do petróleo para a Rússia.

## **2 O HISTÓRICO DA PRODUÇÃO DE PETRÓLEO NA FEDERAÇÃO RUSSA**

A exportação de fontes energéticas fósseis faz parte das políticas estratégicas da Federação Russa, com a renda por ela obtida sendo determinante para o desenvolvimento econômico e para a sustentação do projeto político do país de projeção de poder no sistema interestatal. A Rússia possui a maior reserva mundial de gás natural e é a segunda maior exportadora de petróleo (WORLD BANK, 2019). Partindo da premissa de que petróleo é hegemonia (YERGIN, 2020), e de forma a compreender a vitalidade da indústria petrolífera para a arrecadação de receita, devemos primeiramente fazer um panorama histórico da produção de petróleo na Rússia e dos primeiros contatos com a OPEP, fundada em 1960.

A produção de petróleo na Rússia moderna data do século XIX, quando o império czarista conquistou as regiões do Cáucaso e Transcaucásia, capturando dos persas o controle da cidade rica em petróleo Baku em 1813, atual capital do Azerbaijão. Nos anos seguintes, o primeiro poço foi perfurado e a estrutura da atividade de exploração industrial foi melhorada, servindo em um primeiro momento para o abastecimento de querosene para São Petersburgo e Moscou, por conta da reduzida luminosidade natural dessas cidades no inverno. Em 1873 foi estabelecido um sistema regulatório de leilões públicos, facilitando o aumento da produção no período e atraindo investidores estrangeiros (GOLDMAN, 2008, p.18).

Após a conquista de mercados internos, as atenções se voltaram para os potenciais mercados externos. A Rússia e os Estados Unidos eram os maiores exportadores mundiais de petróleo durante o final do século XIX e o início do século XX, superando significativamente a produção de países como a Holanda, Venezuela e México. Foi só em 1938, no Oriente Médio, onde houve as primei-

ras descobertas de petróleo por parte do consórcio Aramco na Arábia Saudita (GOLDMAN, 2008, p. 21).

A partir da tomada do poder pelos Bolcheviques na Revolução Russa de 1917, a indústria do petróleo foi nacionalizada e as companhias estrangeiras expulsas do país. Para o controle e a regulação do petróleo, as autoridades soviéticas, nos anos 1920, criaram três estatais: Azneft para a região de Baku, Grozneft para Grozny e Embaneft para a região de Emba. As três se uniram no Neftsyndikat, um sindicato comercial que seria responsável pelas exportações e demais atividades estrangeiras na Inglaterra e Alemanha. A devastação deixada pela Primeira Guerra Mundial, Revolução de Outubro e pela Guerra Civil Russa, terminada em 1922, e os seus impactos na indústria petrolífera somados com a necessidade de recursos tecnológicos para impulsionar a industrialização do país, no entanto, motivaram a decisão por concessões para empresas ocidentais. Tratou-se, dessa forma, de uma iniciativa de participação do capital estrangeiro sob o controle nacional, algo também presente no governo Putin. Com a estabilização do setor petrolífero e o crescimento constante da produção tornando o país novamente um dos maiores produtores de petróleo do mundo, o regime bolchevique revogou as concessões e mais uma vez retirou os estrangeiros no final da década de 1920 (SCHUTTE, 2010, p. 12).

Até a Segunda Guerra Mundial, Baku era a principal área de produção petrolífera. Descobertas foram feitas na região do Volga e os Urais na década de 1930 e foi nessa área que a produção no pós-guerra se concentrou até os anos 1970, quando a produção comercial na Sibéria foi inaugurada (GOLDMAN, 2008, p. 38). Foi na Sibéria que as descobertas mais significativas foram realizadas na década de 1950, mas, que da mesma forma que as anteriores, sofreram com desafios tecnológicos, burocracia e restrições do regime soviético para a importação dos equipamentos necessários por parte do Ministério do Petróleo. Mesmo assim, permanece até os dias de hoje como uma das principais regiões produtoras.

Durante a Guerra Fria, a exploração de petróleo não foi apenas um apoio para as necessidades do setor militar da União Soviética e de sua economia intensiva em energia. Foi também uma peça chave para a integração dos países socialistas da Europa em uma grande área de cooperação econômica, além de prover o acesso a divisas e à tecnologia dos países capitalistas. A dinâmica das relações internacionais do período afetava as trocas de petróleo entre a União

Soviética e a Europa, pois na medida que a presença do combustível advindo dos soviéticos se tornava maior no continente europeu, a Organização do Tratado do Atlântico Norte (OTAN) aconselhava seus membros a limitar suas compras visando impedir o crescimento da influência soviética por questões de segurança. Além disso, os Estados Unidos promoveu um embargo na exportação de tecnologia avançada para os soviéticos. No entanto, após o choque do petróleo em 1973, o mercado internacional se voltou para o petróleo soviético para diversificar os fornecedores e diminuir a dependência da OPEP (PEROVIC, 2017, p. 12).

Nos primeiros anos após a fundação da OPEP em 1960, a União Soviética considerou a Organização uma possível aliada contra os monopólios petrolíferos ocidentais, chegando, nos anos 1970, cogitar a aderir ao grupo, uma ideia nunca concretizada. A explicação para isso pode ser atribuída para o fato de que os soviéticos almejavam ter um papel significativo dentro da mesma, bem como usar a posição privilegiada para ganhar mais influência no Oriente Médio, algo que os países fundadores não desejavam. Além do mais, as prerrogativas do estatuto da OPEP eram incompatíveis com a agenda comunista da União Soviética, e o gás natural estava, naquele momento, ganhando proeminência nas exportações para o bloco socialista e para a Europa Ocidental. Após acusações de incitação a revoluções por parte da Arábia Saudita, o membro mais expressivo da OPEP, as relações diplomáticas entre a União Soviética e os sauditas foram interrompidas em 1938 e retomadas somente em 1992 (KRUTIKHIN; OVERLAND, 2020, p. 250).

A desintegração da União Soviética em 1991 em 15 Estados independentes inaugurou um processo de fragmentação política e transição econômica no Estado russo. No governo do presidente Boris Yelstin (1991-1999), o setor de energia sofreu um desmonte em relação à estrutura regulatória anterior. Em 1991, o Ministério do Petróleo e Energia foi transformado na empresa Rosneft, que nos anos seguintes sofreu subdivisões dando origem à Lukoil, Surgutneftgaz e Yukos. Os novos proprietários eram ou ex-funcionários do governo que apropriaram-se de empresas que antes controlavam, ou chefes do mercado negro existente durante o final da extinta União Soviética. Os últimos tinham pouca ou nenhuma experiência no setor de petróleo. Em comum entre os dois tipos foi a aquisição das petrolíferas a baixíssimos preços no esquema das privatizações por *Loans for Shares* (empréstimos em troca de ações), responsáveis

pela maciça fuga de capitais na época (SCHUTTE, 2010, p. 17). As péssimas condições em que a economia russa se encontrava no período são evidenciadas pela queda, em 1998, do PIB (Produto Interno Bruto) e da produção de petróleo em por volta de 40% dos níveis de 1991. Para piorar a situação russa, a crise asiática de 1997 provocou a queda dos preços das commodities e da percepção de risco, que por sua vez motivou a retirada de capitais do país. Associados com a acumulação de déficit fiscal, em 1998 o governo não resistiu e declarou moratória na dívida interna e externa (GOLDMAN, 2008, p. 74).

Ademais, durante os anos 1990, a Rússia estava focada na reparação e no estreitamento das relações com o Ocidente, um fator que contribuiu para o distanciamento entre o país e a OPEP. Este quadro mudou em 1998, quando a Rússia passou a comparecer nas reuniões da OPEP como país observador. O Estado russo pós-soviético adquiriu as características de um “petro-estado”, ou seja, um país com a autoridade centralizada, em que a política e a economia giram em torno da exportação de hidrocarbonetos em detrimento dos outros setores não energéticos, e é vulnerável a flutuações globais nos preços. É verdade que a primeira década como um país independente foi marcada pela má utilização dos recursos naturais para a receita do país, mas vale ressaltar que uma questão essencial para os russos também é a diminuição da dependência dos países de trânsito dos oleodutos que transportam o combustível para os consumidores, antes integrados na estrutura nacional soviética.

Após a crise financeira de 1998, a economia russa mostrou sinais de recuperação desde fim do governo Yeltsin. Mas foi a partir da entrada de Vladimir Putin na presidência russa em 2000 que a condição caótica que a Rússia vivia na década de 90 foi contornada a partir de uma perspectiva centralizadora. Apesar disso, não podemos pensar na recuperação econômica da Rússia sem também levar em consideração o aumento dos preços internacionais do petróleo (SCHUTTE, 2010, p. 20). Pouco antes de entrar na presidência russa, Putin publicou um artigo com a seguinte passagem: “Sustainable development of Russia’s economy in the near term must be based on systematic growth in her developed sectors, and, most of all, on her mineral resource potential” (PUTIN, 1999, p. 4). Trata-se de uma lógica de instrumentalização do setor de energia nacional que se estende por toda a duração de sua presidência. Por isso, depois de uma década de decadência da posição relativa da Rússia no cenário internacional, ocasionada pela transição econômica mal-sucedida e pela ascen-

são de uma elite de empresários pouco interessados no desenvolvimento do país, o governo Putin propôs uma revisão das privatizações e a centralização do poder do Estado no setor de energia para o aumento da arrecadação. Não significa, no entanto, da presença exclusiva do governo russo nas empresas, mas sim uma combinação da tecnologia e do capital ocidentais sob o controle estatal (SCHUTTE, 2010, p. 32).

### 3 ENTENDENDO A CRISE COM A OPEP

Desde o início de 2020, o mundo presencia o acirramento das tensões entre a Rússia e a OPEP em razão da decisão da Organização de reduzir a produção de petróleo cru, influenciada pela pandemia de COVID-19. No entanto, a intensificação das tensões não é um acontecimento isolado na história do relacionamento Rússia-OPEP. Em outros períodos, as decisões tomadas pela Organização para controlar os preços e a produção mundial da commodity também encontraram oposição russa.

A dimensão do conflito é explicada através da compreensão do impacto e do papel dos atores envolvidos no mercado de petróleo, e pelo histórico de contenciosos protagonizados pela OPEP e pela Rússia, brevemente mencionados na seção passada. Uma vez que o segmento anterior abordou mais especificamente o desenvolvimento do setor de petróleo russo com pontuais menções à OPEP, a presença da Organização e o seu impacto no setor global de petróleo serão destacados a seguir.

#### 3.1 A PRESENÇA DA OPEP NO SETOR DE PETRÓLEO MUNDIAL

A Organização dos Países Exportadores de Petróleo (OPEP) foi criada na década de 1960, na Conferência de Bagdá, sob a forma de uma Organização intergovernamental permanente pelo Irã, Iraque, Kuwait, Arábia Saudita e Venezuela<sup>2</sup>. Atualmente, a Organização conta com 13 países membros, os cinco membros originais somados a oito novos membros ativos: Argélia, Angola, Congo, Guiné Equatorial, Gabão, Líbia, Nigéria e Emirados Árabes Unidos.

Desde sua criação, o seu principal objetivo é “[...] a coordenação e a unificação das políticas de petróleo dos Países Membros e a determinação dos

2 OPEC. Disponível em: [https://www.opec.org/opec\\_web/en/about\\_us/24.htm](https://www.opec.org/opec_web/en/about_us/24.htm). Acesso em: 29 de maio de 2020.

melhores meios de salvaguardar seus interesses, individuais e coletivos.” (OPEP, 2012, capítulo 1, Art. 2A). Além disso, a Organização também tem o intuito de “[...] aconselhar caminhos e meios de garantir a estabilidade dos preços nos mercados internacionais visando eliminar flutuações desnecessárias e prejudiciais.” (OPEP, 2012, capítulo 1, Art. 2B). Com isso, está claro o papel intervencionista que a OPEP se permite exercer no mercado mundial de petróleo.

É importante ressaltar que não são todos os países que possuem a commodity em sua pauta exportadora que fazem parte da Organização, como a própria Rússia e o Brasil. Portanto, como a OPEP atua para controlar a produção mundial e, por consequência, o preço dos barris? Sobretudo por meio do impacto de seus membros no mercado mundial de petróleo, em destaque a Arábia Saudita. Em 2018, por exemplo, a estimativa de reservas mundiais de petróleo cru eram de, aproximadamente, 79,4% de países membros da OPEP, em oposição a 20,6% de países que não são da OPEP<sup>3</sup>. A Arábia Saudita, especificamente, possui aproximadamente 22,4% das reservas comprovadas de petróleo e é a maior exportadora de petróleo do mundo: em 2018 suas exportações da commodity corresponderam a 16,1% do total mundial, o que contabilizou um montante de US\$ 182.5 bilhões<sup>4</sup>.

Tendo ciência da dimensão da presença saudita no mercado mundial de petróleo, nota-se o papel central que esta exerce, através da OPEP, no controle de preços do barril. Conforme aponta Schutte: “Lembrando que o único país que tem capacidade e reservas para rapidamente aumentar ou diminuir a produção é a Arábia Saudita, chamada por isso de *producer of last resort*, [...]” (SCHUTTE, 2010, p. 31). Assim, é evidente o impacto da OPEP no mercado mundial de petróleo, o que, por consequência, repercute na relação da Rússia com a Organização desde a sua fundação em 1960.

### 3.2 UMA REVISÃO DAS RELAÇÕES ENTRE A RÚSSIA E A OPEP

A relação entre a Rússia e os países da OPEP tem ocorrido de forma variável ao longo das décadas sendo marcada por períodos mais favoráveis à sua aproximação – como nos anos mais recentes – e por períodos de distancia-

3 OPEC. Annual Statistical Bulletin 2019. Disponível em: [https://www.opec.org/opec\\_web/en/data\\_grahs/330.htm](https://www.opec.org/opec_web/en/data_grahs/330.htm). Acesso em: 30 de maio de 2020.

4 Investopedia. Disponível em <https://www.investopedia.com/articles/company-insights/082316/worlds-top-10-oil-exporters.asp>. Acesso em: 29 de maio de 2020.

mento ou acirramento de disputas e hostilidade. A Federação Russa herdou o relacionamento conflituoso e turbulento protagonizado entre a Organização e a extinta União Soviética.

As raízes dessa turbulência podem ser percebidas atualmente: “a competição pelo controle dos mercados europeu e asiático e o choque de valores entre os Estados islâmicos da OPEP e o Estado comunista deixaram sua marca no Kremlin e na sede da OPEP em Viena” (MANN, 2014, p. 985). Nos anos da União Soviética, a presença dos soviéticos na região árabe em apoio a alguns Estados, na década de 1970, era motivada pelos seus interesses políticos e econômicos na região do Golfo Persa, como observado em sua atuação na guerra entre Iraque e Irã:

O rompimento da guerra Iraque-Irã deu a União Soviética a oportunidade de expandir sua presença na região. Moscou criou um acordo em que trocava armas por petróleo Iraquiano e Iraniano [...]. Moscou acreditava que prolongar a guerra Iraque-Irã protegeria os soviéticos muçulmanos a serem influenciados por islâmicos fundamentalistas. (ELASS; JAFFE, 2009, p.10).

O combate à influência islâmica no território soviético e a sua busca por ampliar a sua zona de influência no Oriente Médio, como forma de fazer frente ao Ocidente, também motivaram a invasão soviética ao Afeganistão.

Logo, o histórico das relações russas com os países que constituem a OPEP é demarcado por uma série de disputas e tentativas de influência geopolítica. Nos anos 1990, com o fim da Guerra Fria e a desintegração da União Soviética, a Rússia vivenciou um período de transformação frustrante, já mencionado neste artigo, em que a sua própria produção de petróleo declinou, assim como os ganhos que eram esperados para o setor não corresponderam às expectativas, diminuindo seu poder de competição com os países da OPEP, mas não a sua ameaça ao poder da Organização:

Nos anos 1990 a Rússia achou difícil competir com a OPEP. [...] Apesar do estado triste de sua indústria petrolífera, a Rússia permaneceu como um *player* de grande potencial no mercado global de energia: suas reservas de petróleo, sua situação geográfica e sua influência nos antigos Estados soviéticos ainda ameaçavam a posição global da OPEP. (MANN, 2014, p. 986).

Ao mesmo tempo que a Rússia vivenciava uma década de transformações em sua indústria de petróleo e gás, o final da década de 1990 também foi caracterizada por uma dinâmica maior em suas relações com a OPEP. As relações diplomáticas foram reestabelecidas com alguns países da OPEP, como a própria

Arábia Saudita e o Irã (motivados, como aponta Mann, a partir da percepção de que a Rússia, no momento, não era uma ameaça à hegemonia da OPEP e, também, por conta da queda do comunismo) e, em 1998, a Rússia passou a comparecer a reuniões da Organização como observadora. No entanto, no começo dos anos 2000 “[...] com a crescente reaproximação russa com o Ocidente e o subsequente reaparecimento de investidores na cena, o mercado russo de petróleo começou a prosperar e a competir com a OPEP no mercado global.” (MANN, 2014, p. 985). Além disso, outros fatores políticos impulsionaram o antagonismo, como a disputa pela supremacia no Mar Cáspio e o apoio dado por alguns países da Organização a movimentos terroristas islâmicos, sob a perspectiva russa.

No tocante ao mercado global de petróleo em si, o relacionamento entre a Rússia e a OPEP pode ser observado a partir do comportamento dos atores quanto aos mecanismos de controle de preços do barril, por meio da elevação ou da diminuição da produção dos países. Em diversos momentos, ao longo das últimas três décadas, a OPEP precisou buscar a cooperação russa para estabilizar o mercado de petróleo, uma vez que, com as mudanças introduzidas por Putin, o país alcançou o posto de segundo produtor de petróleo do mundo (sendo o primeiro de gás natural) (ELASS; JAFFE, 2009).

Em 1999, por exemplo, os países da OPEP e alguns fora da OPEP, dentre eles a Rússia, concordaram em reduzir a produção para 2.1 milhões bbl/d, no que a Rússia se comprometeu a reduzir em 100.000 bbl/d (IBRAHIM, 1999, apud ELASS; JAFFE, 2009, p.16) . O segundo momento em que novamente a OPEP buscou colaboração russa foi após os ataques terroristas de 11 de setembro de 2001, que provocaram impactos nos preços do petróleo. Este foi um momento de grande tensão entre a Rússia e a OPEP, uma vez que a “OPEP encontrou ainda menos cooperação da Rússia, cuja indústria de petróleo estava se tornando altamente privatizada e cujos investimentos no setor de petróleo estavam em ascensão.” (ELASS; JAFFE, 2009, p.16). Por fim, a Rússia aceitou fazer um corte de 50.000 bbl/d em sua produção dos 500.000 bbl/d solicitados pela OPEP, fato que ampliou a adversidade para com a Rússia (Ibidem).

Em 2008, num cenário de nova crise econômica e financeira mundial, com conseqüente queda brusca da demanda por petróleo (cujos preços ficaram elevados ao longo da década de 2000), novamente a OPEP atuou na busca da estabilização dos preços. Nesse momento, no entanto, com a maior parti-

cipação do Estado no controle das empresas de petróleo e gás russas, houve uma mudança direcionada à cooperação entre a Rússia e a OPEP. Assim, a crise mundial de 2008 “[...] deu uma ênfase mais forte na necessidade de cooperação entre a OPEP e a Rússia. O declínio abrupto no consumo de petróleo global entre julho e outubro forçou os dois lados a trabalhar juntos a fim de evitar o colapso do mercado mundial de petróleo.” (MANN, 2014, p. 1001).

O contexto pós crise contribuiu para a promoção de laços mais estáveis de cooperação entre a Rússia e a OPEP. A redução dos preços do barril a partir de 2014 também foi um fator decisivo para maior aproximação, que culminou, em 2016, na assinatura do acordo de cooperação para a regulação dos preços do barril de petróleo entre a Rússia e a Arábia Saudita, a OPEP+ (SUKHANKIN, 2020). Apesar do compromisso russo na redução de sua produção em diferentes momentos e “a despeito da melhora nas relações Rússia-OPEP, a desconfiança histórica dos dois lados permanece, e o esforço para controlar os mercados asiático e europeu continua a ameaçar as relações.” (MANN, 2014, p. 1002).

É importante ressaltar que a sua ascensão como centro de controle dos mercados de petróleo e gás é parte essencial da estratégia russa de se posicionar novamente como uma superpotência mundial. Por isso, apesar de sua relação com a OPEP ser marcada por períodos de maior proximidade, ainda há grande tensão quando se trata da influência e da determinação dos preços do barril do petróleo, fato que pode ser observado à luz dos eventos conflituosos de 2020 que culminaram com o que ficou conhecido como a “guerra dos preços” do barril de petróleo, ponto central deste artigo.

### **3.3 AS NEGOCIAÇÕES DE ACORDOS DE CORTES DE PRODUÇÃO**

A crise global acarretada pela disseminação da COVID-19 atingiu seriamente o mercado de petróleo mundial. A demanda por petróleo caiu significativamente desde o início do ano de 2020, levando a uma queda dos seus preços no mercado internacional. Por isso, em março de 2020 a OPEP+ decidiu se reunir em Viena para discutir um plano de corte de 4% na produção de petróleo, de modo a evitar uma maior queda de preços. O governo russo decidiu não assinar o acordo, por acreditar não ser vantajoso para o país. Em contrapartida, a Arábia Saudita decidiu iniciar uma guerra de preços com os russos ocasionando uma queda do preço do barril de petróleo de US\$ 55 para US\$ 25 (RUTLAND,

2020, p. 1).

No dia 6 de março de 2020 os representantes dos países que compõem a OPEP+ se reuniram em Viena para discutir um corte na produção de 1,5 milhões de barris de petróleo por dia, dos quais 500 mil deveriam ser cortados pelos países fora da OPEP (BBC, 2020). A recusa dos russos em assinar o acordo levou a Arábia Saudita, no dia 8 de maio de 2020, a anunciar um desconto de US\$ 6 a US\$ 8 no barril de petróleo para os compradores da Europa, Ásia e EUA, e um aumento de 40% em sua produção. Essa decisão levou a uma queda de 30% no preço do petróleo Brent no mercado mundial (SUKHANKIN, 2020, p. 3). Vale ressaltar o papel estratégico dos mercados consumidores europeu e asiático para a indústria russa, o que indica a dimensão da pressão adotada pela Arábia Saudita em sua resposta a recusa russa à negociação.

Segundo Sukhankin (2020), os principais motivos que levaram a Rússia a não se comprometer com o acordo foram: a retaliação aos impasses e sanções com o governo dos Estados Unidos; a convicção do governo de que a crise de demanda por petróleo de 2020 seria cíclica e passageira; e sua confiança que o país estaria mais bem preparado para enfrentar a baixa nos preços do petróleo do que a Arábia Saudita. No entanto, apesar do otimismo dos governantes e empresários russos na capacidade do país de enfrentar a queda no preço do petróleo, a queda do preço do Brent ocasionada pela política saudita de retaliação ao país teve impacto direto sobre o preço do rublo e levou a Rosneft a perder US\$ 15 bilhões de seu valor de mercado (SUKHANKIN, 2020, p. 3).

#### **4 A REAÇÃO RUSSA E SEUS IMPACTOS GEOPOLÍTICOS**

A recusa russa em reduzir sua produção de forma a contribuir para a estabilização do preço do barril conforme já mencionado, justifica-se sobretudo a partir de sua percepção de que tal ação seria benéfica apenas para os produtores de petróleo de xisto norte-americanos. A recente utilização da extração do petróleo através do xisto tornou os EUA o maior produtor de petróleo no mundo. Porém, a extração pelo xisto é muito mais custosa do que as extrações de petróleo convencionais. O presidente da Rosneft convenceu o presidente Putin que se os preços do petróleo fossem mantidos abaixo de US\$ 40, a produção estadunidense de petróleo de xisto tornaria-se economicamente inviável (SUKHANKIN, 2020).

Além disso, o governo russo encontrava-se insatisfeito com as sanções impostas pelos EUA contra a Rosneft por conta da atuação da empresa na Venezuela e com os impedimentos ao gasoduto Nord Stream 2, essencial para os interesses econômicos e geopolíticos russos na Europa. Portanto, a não assinatura do acordo com a OPEP foi uma forma de retaliação do governo russo aos EUA, na tentativa de reduzir os preços do petróleo e provocar a falência das empresas norte-americanas produtoras de petróleo de xisto (SUKHANKIN, 2020, p. 3-4). Segundo Rutland (2020, p. 2), a política russa de retaliação aos EUA talvez seja equivocada, pois a economia russa é muito mais dependente da produção de petróleo do que a norte-americana, algo já pontuado nas seções anteriores deste artigo.

A Rússia operava sob a percepção de que a queda na demanda e dos preços do petróleo, em 2020, seria conjuntural e temporária. Com a queda da demanda chinesa por petróleo, os negociadores russos em Viena tinham a convicção da inevitabilidade da queda do preço do petróleo, e de que a assinatura do acordo da redução da produção pelos russos beneficiaria apenas a OPEP e os sauditas (SUKHANKIN, 2020, p. 4).

A Rússia possui o entendimento de que a Arábia Saudita não detém capacidade e recursos suficientes para se manter numa guerra de preços com o país. A maioria dos analistas russos acreditam que a integração russa na OPEP+ beneficiou mais a Arábia Saudita do que a Rússia. Os russos têm a percepção de que apesar do poder saudita de influenciar nos preços, o país é mais dependente das receitas do petróleo do que a Rússia. Além disso, dado que o orçamento público russo quebraria com o barril a um preço de US\$ 42, o país poderia diminuir os danos causados graças às medidas de precaução adotadas na época de dos altos preços do petróleo e do controle das contas macroeconômicas. O Fundo Nacional de Bem-Estar foi estimado em US\$ 120 bilhões em dezembro de 2019. O país poderia usar o fundo para mitigar as consequências econômicas da baixa no preço do petróleo por um longo tempo (SUKHANKIN, 2020, p. 4-5).

Para entender as ações russas em sua negociação com a OPEP e o seu rompimento com a OPEP+, é importante levar em consideração tanto questões conjunturais quanto os objetivos geopolíticos russos de longo prazo que seriam afetados com a influência saudita nos preços do barril de petróleo e o ganho de mercado pelos americanos. A rivalidade com os produtores norte-americanos,

a crença na força econômica russa atual e na fragilidade da Arábia Saudita não justificam completamente o comportamento russo. A Rússia tem seu sistema econômico e político mobilizado em boa parte em função do seu setor energético, com significativos investimentos em extração e presença no mercado mundial de hidrocarbonetos. A projeção internacional russa enquanto superpotência energética está sendo realizada por meio de uma nova liderança política que centralizou a figura do Estado russo, utilizando a indústria energética nacional e as vastas reservas energéticas disponíveis para ir num movimento contrário ao da década de 1990, recuperando o bem-estar econômico do país e a sua capacidade de contraposição às demais potências do sistema interestatal global (MAZAT; SERRANO, 2014, p. 826).

Segundo Ellass e Jaffe (2009), o expressivo crescimento russo no setor energético já tem possibilitado que o país exerça mais poder em sua zona de influência regional. Com o intuito de aumentar sua zona de influência geopolítica, a Rússia vem apoiando mecanismos internacionais regionais e inter-regionais, como no caso dos BRICS, em que houve não só a criação de um banco e um arranjo de reservas, mas consolidou o papel russo e dos demais países do mecanismo de cooperação nas reformas do FMI e do Banco Mundial estabelecidas no G20 (STUENKEL, 2017). Nesse mesmo sentido, contudo com uma abordagem mais regional e de maior influência russa, a União Econômica Eurasiática (UEE) mostra-se como um importante fator geopolítico e de maior aproximação com países que sempre fizeram parte do domínio russo.

Para a Rússia, a criação da UEE não é tanto um projeto econômico, mas sim uma abordagem geopolítica que visa consolidar seu papel de líder. Moscou está preocupada com o fortalecimento da sua posição na região pós-soviética, onde o restabelecimento das esferas de influência entrou em uma fase mais ativa. Quatro países estão envolvidos neste processo: Rússia, Turquia, China e EUA. A Rússia quer fortalecer sua posição neste processo em dois blocos regionais: a Organização do Tratado de Segurança Coletiva (CSTO) e a UEE, que não se destinam a atuar como contrapesos para os EUA, mas sim para a Turquia e a China. (SATRAPAYEV, 2015, p. 11-12, apud, DE CAMARGO, 2019, p. 101).

Além disso, existe uma maior aproximação com os líderes chineses através de investimentos e propostas de cooperação no setor energético. Essas propostas têm permitido uma margem de atuação maior para o Kremlin e a aproximação com líderes de estado que antes evitavam a Rússia, como produtores da América do Sul, da África e do próprio Golfo Persa.

A posição russa no setor de petróleo tem elevado a sua indústria armamentista, com trocas realizadas com outros países produtores de petróleo,

e também contribuído para os investimentos russos em mercados externos, sobretudo nos países em desenvolvimento e no Leste Europeu (ELASS; JAFFE, 2009, p. 8).

Nesse mesmo sentido, Fiori (2007, p. 101) afirma que a expansão econômica e militar russa recolocou o país como uma grande potência mundial conjuntamente com suas intervenções em conflitos na Ásia Central e no Oriente Médio e com a venda de armamentos e tecnologia militar para China, a Índia, o Irã, e na América do Sul, Argentina e Venezuela. O que aponta a crescente influência da Rússia não se restringe à antiga zona de influência soviética.

De tal maneira que, apenas quinze anos depois do fim da União Soviética, todos os sinais indicam uma nova onda de modernização da economia russa estreitamente associada com os desafios militares e os objetivos estratégicos do país, como aconteceu em vários outros momentos da história da Rússia e da própria União Soviética. Uma potência que se expandiu de forma contínua, a partir do fim do século XV, com a conquista sucessiva de Novgorod, dos Khanatos do Volga, do Mar Negro, da Ucrânia, da Sibéria, da Letônia, Estônia e Lituânia, da Polônia, da Finlândia, do Cáucaso, da Ásia Central e, finalmente, da Europa Central. Transformando-se no maior estado territorial do mundo, com interesses estratégicos, e com uma enorme capacidade de resistência militar e econômica, como ficou comprovado nas Guerras Napoleônicas, no início do século XIX, e na Primeira e Segunda Guerra Mundial, do século XX. E tudo indica que neste início do século XXI, a Rússia está recuperando rapidamente esta sua velha importância estratégica, como Grande Potência que dividiu o mundo com os Estados Unidos durante a segunda metade do século XX. (FIORI, 2007, p. 101-102)

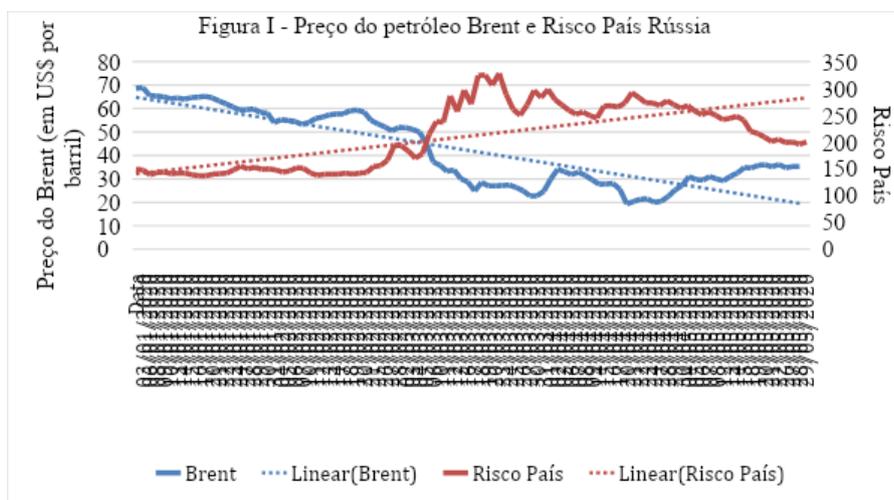
No entanto, é justamente a aspiração russa de reacender como uma superpotência global por meio de uma posição central no setor energético que amplia sua rivalidade com a OPEP, sobretudo com a Arábia Saudita, que atualmente se encontra no papel de maior *player* mundial do setor. Uma vez que seu objetivo é exercer poder no Sistema Internacional por meio do controle da cadeia de produção de petróleo e gás global, a OPEP e sua influência nesta cadeia se postam como um obstáculo à concretização, como se pode observar no conflito de preços ocorridos no começo de 2020.

## **5 OS EFEITOS DA CRISE DE 2020 DO PREÇO DO PETRÓLEO NA ECONOMIA RUSSA**

Apesar do otimismo dos representantes do Estado e empresários russos, a guerra de preços entre o país e a Arábia Saudita e a queda da demanda de petróleo ocasionada pela pandemia de COVID-19 causaram severos impactos na economia russa.

Pode-se observar no gráfico abaixo (ver Figura I) que o Risco País da Rús-

sia (EMBI+)<sup>5</sup> se elevou nos meses de março e abril quando o preço do petróleo Brent (*benchmark* do preço do petróleo internacionalmente) despencou devido à disputa entre a Rússia e a OPEP e à queda da demanda pelo produto.



FONTES: INVESTING E JP MORGAN. ELABORAÇÃO PRÓPRIA.

Passados os primeiros meses da crise econômica mundial causada pela pandemia e com a recuperação econômica e aumento gradual na produção de bens e serviços internacionalmente, ocorreu uma maior demanda por petróleo levando a um aumento no preço do produto. Dados obtidos no site Investing<sup>6</sup> demonstram a retomada do preço do barril de petróleo ao nível pré-COVID no início de 2021.

Devido aos efeitos da crise econômica e sanitária mundial o PIB russo sofreu uma queda de 3% no ano de 2020, já o PIB mundial sofreu uma queda de 3,8%, portanto, de certa forma, o desempenho da economia russa nesse ano foi um pouco melhor que a média internacional. Os economistas do Banco Mundial atribuem a menor retração às políticas macroeconômicas e fiscais adotadas pelo país nas últimas décadas. O governo russo, nos últimos anos, acumulou reservas internacionais, liquidou as dívidas externas e criou o Fundo Nacional de Bem-Estar, consequentemente o país tem mais recursos para realizar políticas econômicas de modo a reduzir os impactos causados pela pandemia. Entretanto, a diminuição da arrecadação de impostos durante a crise sanitária desempenhou um grande impacto nas contas públicas. (WORLD

5 O EMBI+ (Emerging Markets Bond Index) é um índice que mede o desempenho diário dos títulos da dívida dos países emergentes em relação aos títulos do Tesouro dos Estados Unidos. O índice auxilia os investidores na compreensão do risco de se investir no país, quanto mais alto o índice maior a percepção de risco. (KIM, 2004)

6 Investing Petróleo Brent Futuros 2021. Disponível em: <https://br.investing.com/commodities/brent-oil>. Acesso em: 28 de maio de 2021

BANK GROUP, 2021, p. 9).

Um afrouxamento fiscal já havia sido anunciado antes da crise de 2020 estabelecendo um aumento anual de 6% a 7% dos gastos públicos entre 2020 e 2022. O governo russo declarou que foram acordadas medidas econômicas no valor de 2 trilhões de rublos para reduzir os impactos econômicos causados pela pandemia de COVID-19. As medidas em sua maioria beneficiam pequenas e médias empresas e setores específicos da economia, como aviação, turismo, restaurantes e hotéis (SIMOLA, 2020, p. 5-6). Contudo, apesar das políticas públicas visando a redução dos danos econômicos, o nível de emprego encontra-se abaixo do nível observado antes da crise (WORLD BANK GROUP, 2021, p. 15).

O Banco Mundial prevê um crescimento do PIB mundial de 4% em 2021 e de 3,8% em 2022. A previsão de crescimento da economia russa é de 3,2% em 2021, seguido por 3,2% e 2,3% em 2022 e 2023, respectivamente. Segundo os economistas do banco, a recuperação econômica global, a alta dos preços do petróleo e as condições monetárias internas da Rússia, em 2021, devem apoiar uma recuperação liderada pelo consumo das famílias e pelo investimento público. Contudo, a recuperação econômica e social dependerá da diversificação econômica, do nivelamento do campo de atuação para o setor privado, da melhoria da governança das empresas estatais para torná-las mais eficientes e competitivas, da melhor integração do país às cadeias globais de valor e de políticas públicas de combate à pobreza e de aumento do emprego e da renda (WORLD BANK GROUP, 2021).

## 6 CONCLUSÃO

Neste artigo, apresentamos inicialmente o desenvolvimento da indústria de petróleo na Rússia de forma a compreender a magnitude da importância da mesma para a geração de receita e do sustentamento do projeto político do país ao longo das décadas, além dos primeiros contatos com a recém-criada OPEP em 1960. A indústria de petróleo russa constantemente passa por mudanças e dificuldades conjunturais de acordo com o contexto político sob o qual o país está inserido e os preços internacionais de petróleo. Como vimos, incluem-se como períodos emblemáticos as nacionalizações após a tomada de poder pelo partido Bolchevique; o seu uso estratégico durante a Guerra Fria; as

privatizações na década de 1990 e o retorno ao controle estatal com a entrada de Vladimir Putin na presidência russa. Analisar o relacionamento da Rússia com outros países produtores de petróleo é indispensável dada a constante e acirrada competição internacional pela supremacia no mercado da commodity. Dessa forma, a OPEP se torna o objeto de estudo deste artigo tendo em vista as suas imensas reservas e produção de petróleo.

A crise econômica causada pela pandemia de COVID-19 em 2020 e a recusa da Rússia em fechar um acordo de redução da produção de petróleo com a OPEP impactaram diretamente os preços do petróleo. Apesar da economia russa ser dependente da produção de petróleo e gás, os representantes do Estado e os empresários russos mantiveram a confiança de que o país poderia enfrentar a baixa no preço do petróleo sem que isso causasse grandes impactos na sua economia. Nas últimas décadas, o governo russo adotou políticas públicas como o acúmulo de reservas internacionais, a liquidação das dívidas externas e a criação do Fundo Nacional de Bem-Estar, de modo a tornar o país menos suscetível às crises financeiras internacionais e menos dependente do mercado mundial de petróleo. Tais políticas foram de extrema importância para uma redução do PIB russo menos acentuada que a média mundial em 2020. Dados do Banco Mundial apontam um crescimento do PIB da Rússia de 3,2% em 2021, seguido por 3,2% e 2,3% em 2022 e 2023, respectivamente (WORLD BANK GROUP, 2021, p. 18). Contudo, o nível de renda e emprego do país continua abaixo dos níveis pré-crise sanitária. Portanto, são necessárias políticas públicas de diversificação econômica, do nivelamento do campo de atuação para o setor privado, da melhoria da governança das empresas estatais para torná-las mais eficientes e competitivas, da melhor integração às cadeias globais de valor e de políticas públicas de combate à pobreza e de aumento do emprego e da renda, pois assim o país poderá se recuperar da crise de forma mais ágil e igualitária.

A relação entre a Rússia e a OPEP, que em 2020 foi marcada pela guerra de preços do barril de petróleo, tem se caracterizado por uma dinâmica de maior e menor aproximação ao longo das décadas. A Rússia pós-soviética herdou um relacionamento tenso com a Organização, motivado por disputas geopolíticas na região do Golfo Persa e econômicas quanto aos mercados consumidores europeu e asiático. Apesar de uma aproximação após a crise financeira internacional de 2008, que culminou na criação da OPEP+ em 2016, a disputa pela

influência nos preços protagonizada pela Rússia e a OPEP, sobretudo a Arábia Saudita, continua a ser uma questão central e determinante na política russa direcionada a Organização.

A guerra de preços de 2020 põe em evidência a visão revisionista russa em relação à ordem estabelecida pela OPEP quanto ao controle dos preços do barril por meio da redução da produção pelos países membros e pela demanda de redução pelos não membros. A não aceitação desta redução pela Rússia aponta a confiança do país em seu fortalecimento econômico, bem como a consolidação de sua indústria de petróleo e gás. Ao encarar a retaliação saudita, a Rússia se coloca como um ator forte e relevante na cadeia global de produção do setor, reafirmando de forma assertiva o papel central da energia em seu projeto de projeção de poder em escala global. É precisamente o posicionamento de superpotência energética que promoveria a consolidação da Rússia em uma superpotência global.

## REFERÊNCIAS

A GUERRA de Preços entre Rússia e Arábia Saudita que derrubou o preço do Petróleo. **BBC**, 9 de mar. de 2020. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/internacional-51799906>. Acesso em: 02 de junho de 2020.

ELASS, Jareer; JAFFE, M. Amy. The History and Politics of Russia's Relations with OPEC. **Energy Forum Paper**. James A. Baker III Institute for Public Policy: Rice University, 2009.

GOLDMAN, Marshall I. Petrostate: Putin, Power and the new Russia. **Oxford University Press**, Oxford, 2008.

MORGAN, J.P. Riesgo País Rússia. **Âmbito**. Disponível em: <https://www.ambito.com/contenidos/riesgo-pais-rusia.html>. Acesso em: 01 de junho de 2020.

KIM, Gloria M. Emerging Markets Bond Index Plus (EMBI+). **Emerging Markets Research**, JP Morgan Securities Inc, 2004.

KRUTIKHIN, Mikhail; OVERLAND, Indra. OPEC and Russia: a happy pro-forma marriage. In: CLAES, Dag Harald; GARAVINI, Giuliano (org.). **Handbook of OPEC and the Global Energy Order: Past, Present and Future Challenges**. Routledge, 2020.

MANN, Joseph. Russia's Policy Towards OPEC. **Middle Eastern Studies**, v. 45 n. 6, p. 985-1005, 17 de novembro de 2014.

MAZAT, Numa. A Rússia dos anos 90: crônica de um desastre anunciado. **Crítica Econômica**, 26 de fev. de 2008. Disponível em: <https://criticaeconomica.wordpress.com/2008/02/26/a-russia-dos-anos-90-cronica-de-um-desastre-anunciado/>. Acesso em: 02 de junho de 2020.

MAZAT, N.; SERRANO, F. **A potência vulnerável: Padrões de investimento e mudança estrutural da União Soviética a Federação Russa**. In: Bielschowsky, R. Padrões de Investimento e

de transformação estrutural nos países emergentes. Brasília: CEPAL/CGEE. 2014.

OPEC. **Annual Statistical Bulletin**, 2019. Disponível em: [https://www.opec.org/opec\\_web/en/data\\_graphs/330.htm](https://www.opec.org/opec_web/en/data_graphs/330.htm). Acesso em: 29 de maio de 2020.

OPEC. **OPEC Monthly Oil Market Report**. 2020. Disponível em: <https://momr.opec.org/pdf-download/>. Acesso em: 02 de jun. de 2020.

PEROVIC, Jeronim. *Cold War Energy: A Transnational History of Soviet Oil and Gas*. **Palgrave Macmillan**, Londres, 2017.

Petróleo Brent Futuros. **Investing**. Disponível em: <https://br.investing.com/commodities/brent-oil>. Acesso em: 01 de junho de 2020.

RUTLAND, Peter. *The 2020 Oil Crash: Is Russia Still An Energy Superpower?*. **PONARS**, Eurasia Policy Memo, n. 642. 2020.

SCHUTTE, Giorgio Romano. *Economia Política de Petróleo e Gás: A Experiência Russa*. Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada. **Texto para Discussão**, Brasília, n. 1474, fev. de 2010. SECRETARIAT, OPEC. **OPEC Statute**. Vienna. 2012. Disponível em: [https://www.opec.org/opec\\_web/en/publications/345.htm](https://www.opec.org/opec_web/en/publications/345.htm). Acesso em 27 de maio de 2020.

SUKHANKIN, Sergey. *Russian Geopolitical Objectives in the Current Oil Price Crisis and the Implications for Canada*. **SPP Briefing Papers**, v. 13 n. 9, 2020.

The World's Top Oil Producers of 2019. **Investopedia**, 22 de abril de 2020. Disponível em: <https://www.investopedia.com/investing/worlds-top-oil-producers/>. Acesso em: 10 de junho de 2020.

TWIN, Alexandra. *World's Top 10 Oil Exporters*. **Investopedia**, 23 de out. de 2019. Disponível em: <https://www.investopedia.com/articles/company-insights/082316/worlds-top-10-oil-exporters.asp>. Acesso em: 29 de maio de 2020.

WORLD BANK. **How Wealthy is Russia?** Disponível em <https://www.worldbank.org/en/country/russia/publication/how-wealthy-is-russia>. 2019. Acesso em 29 de maio de 2021.

WORLD BANK GROUP. **Russia Economic Report**, No. 45, May 2021: *Russia's Economic Recovery Gathers Pace*. 2021.

YERGIN, D. **O petróleo: uma história mundial de conquistas, poder e dinheiro**. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz & Terra. 2020.